

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 21 DE JUNHO DE 1887

ADMINISTRACAO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 30

EXPEDIENTE

Anno. 65000

São nossos correspondentes :
Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino Marques da S. Pereira.
Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent. Francisco de Paula Pinheiro.
Em Juiz de Fóra, o Sr. Dr. José Caetano de Moraes e Castro.
No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha Lima.
Em Cataguazes, o Sr. Estevão José de Oliveira.
Em Campo Limpo, José de Oliveira e Silva.

Apresentamos ao publico do interior o Sr. Eugenio Augusto Pinto, actualmente em giro por esta província no carácter de nosso companheiro de redacção e representante d'esta folha.

Lisongeando-nos que lhe será dispensado favorável acolhimento, confessamo-nos sumamente agradecidos pelos favores e finezas com que o distinguiram.

Finalisa com este numero o segundo semestre d'este modesto orgão de publicidade.

Se temos ou não desempenhado de um modo mais ou menos correcto o dever que nos impuzemos, o leitor julgará em sua imparcialidade.

Expõr, em linguagem estreme de fraquezas ou condescendências e sem rebuço, a nossa opinião acerca dos negócios públicos;

Dedicar-nos á explanação das doutrinas que nos parecem únicas aceitáveis e salvadoras;

Reagir systematicamente contra o véso arreigado da exhibição imperitante das individualidades;

Constituir um arquivo de impressões que recordem o perpassar d'esta época de aberrações e calamidades :

São os moveis que nos impulsaram e nos levam ainda a prosegui na jornada encetada.

Desejavamos, por outro lado, publicar esta folha semanalmente e assim o temos resolvido; aguardamos tão sóinente que os nossos favorecedores nos coadjuvem efficazmente na consecução d'esse melhoramento.

Quanto á redacção d'este periodico, está ella a cargo de diversos cavaleiros, escriptores projectos, conhecidos, brasileiros todos, independentes, e cujo nome, colocado que fosse ao pé de seus escriptos, só redundaria em beneficio e gloria de qualquer emprehendimento jornalístico.

O primitivo iniciador d'esta publicação passou a exercer exclusivamente as funções de gerente da mesma empreza.

Dados estes esclarecimentos, esperam os que o publico saberá reconhecer os bons desejos que nutrimos de merecermos o seu apoio e corresponderá a favonear um tentamen que reputamos altamente patriótico e digno do seu apoio decidido.

A REDACÇÃO.

Rio, 21 de Junho de 1887.

CHRONICA POLITICA

Habent sua fata...

Não ha respingar contra a fatalidade das causas.

O paiz inteiro rebrame contra o desgoverno e a delapidação ás escancaras; os desacertos sucedem-se e multiplicam-se.

Não ha força humana, nem acontecimento bastante grave que abalar possa esse rochedo de resistencia bruta que constitui-se em director e atata dos interesses publicos.

Não lhe valeram as reprehensões do imperial itinerante; não lhe causaram mossas as provas de consorciamento ilícito e escandaloso de ministros em negócios privados, d'onde sahiam obteradas as finanças do estado; o brado de uma classe profunda e despoticamente ferida em seu único e elevado braço — a hora, não conseguiu metter em debandada esse grupo de politicantes impavidos e insidiosos, cuja razão de existencia cifra-se na manutenção de si próprios e de sua pandilha; as derrotas sucessivas parecem insuflar-lhe novos elementos de vida; as vergonhas e affrontas arremessadas á nação convertem-se em pedestaes de segurança para a sua continuação no poder; podem os Waring e os representantes de todos os paizes espesinhlar o nome e a bandeira brasileira, que os seus naturaes defensores hão de corvejar por sobre os desombros para cevarem a sua cobiça e auferirem lucros pingues e materiais; em ambas as camaras representativas pronunciam-se abertamente votos em maioria mandando cassar resoluções e propostas do governo, mas este submette-se, resmunga evasivas, abriga de suas ideias, abandona e desampara qualquer iniciativa, renuncia á sua ação, p'ra de novo abraçar o que acaba de condemnar, contanto que o deixem agarado ás pastas e no goso da sinecura que a fortuidade da molestia do imperante conserva em suas mãos.

O exemplo mais frisante da elasticidade de brios de um ministro monarchico, nol-o oferece o Sr. B. de Mamoré, a quem cabem as palmas pela pluralidade e repetição de seus rasgos façanhudos.

Perdão o caracteristico que acompanha e enolrece a creature humana, o pudor, o que ha no mundo capaz de electrizar as fibras e provocar uma reacção moral?

A grita, o desprezo, o indifferentismo foram as armas brandidas até hoje; o resultado é dar azas ao cynismo e empedernir os corações, porque, de facto, quem de anime deliberado perpetra o mal, condoe-se com riso escarninho dos impotentes que ousam atravessar-lhe no caminho.

A conducta que deva seguir todo homem de bem e patriótico está desde já marcada: consiste em procurar o arrimo de almas honestas e sãs, de espíritos esclarecidos e resolutos e combinar um meio, acordar n'un plano, assentar medidas cujo efecto seja contrapor um paradeiro a tanta devastação; e nós não vemos outro que não o preparam para a revolução aberta.

O CONGRESSO REPUBLICANO NACIONAL

Deve reunir-se no dia 30 do corrente o primeiro congresso republicano nacional.

Dous representantes de cada província virão a esta capital concertar nos meios de activar a propaganda e preparar o glorioso evento da República.

Este facto já de si grandioso nos annaes da nossa historia social, maior importancia assume nas eergencias calamitosas do nosso momento politico.

Quando o mundo oficial prepara pelas forças concentradas em suas mãos, um novo estadio de domínio e exploração para esse pedaço infeliz da America, a alma nacional, vibrante de amor pela liberdade, tem forças, a despeito de todos os obstáculos, para levantar uma assembléa popular, onde se alçarão as suas legítimas aspirações, como um protesto vivo e energico contra a servidão monarchica, que se tenta perpetuar.

Pesa sobre os gloriosos representantes do republicanismo brasileiro, prestes a reunir-se, uma tarefa ingente e herculea.

E' preciso que com a alta responsabilidade de seu patriotismo digam a esta pobre patra a narcotizada pelo miasma corruptor do imperio, a verdade de sua triste posição no seio abençoado do nosso continente.

E' preciso que digam por que machinações torpes e inconfessaveis entregaram o nosso bem estar, as nossas aspirações e a nossa felicidade, ás mãos de uma família de privilegiados que nos explora e nos abate.

E' preciso que recordem como de um povo que, no ultimo quartel do seculo passado, levantava-se já pronto a caminhar para seus grandes destinos, fizeram este miseravel rebanho de escravos, retido pelos mais baixos instintos da animalidade, na adoração estulta de seus augustos senhores.

E' preciso que mostrem como foram esbanjadas as nossas riquezas, como nos desmantelaram o credito, como nos acanharam as propriedades, como nos tiraram a razão, como nos abateram o carácter.

E' preciso apontar com mão segura e firme a grande causa de todas as nossas desgraças e de todas as nossas vergonhas: a instituição monarchica.

E o momento é asado.

Ensaia-se o terceiro reinado.

O beatismo fanatico da herdeira do trono, e a cubiga f'roz do Orleans, seu marido, serão os dous elementos, que, em hediondo conubio, hão de gerar a época tenebrosa que se pretende inaugurar.

Estará completo e irremediavel o abatimento da patria?

Cumpre não desanimar e estarem a postos os verdadeiros patriotas.

Estimulem-se com a verdade clara e convicta os sentimentos nacionaes, mostre-se o futuro torvo de erros e desgraças, que nos espera. Talvez uma reacção se faça e quando se não faça o nosso dever estará cumprido.

A nova era do imperialismo começá ja a mostrar os traços enganadores da sua feição inicial.

Acena-se já ao povo opprimido com franquias provinciais, com projectos de abo-

lio de curto prazo, com outras tantas almejadas aspirações. Do que se trata realmente é de abafar o movimento separatista que acentua-se cada vez mais decisivo em muitas províncias; do que se trata realmente é de desarmar o vigor do ataque dos que pelejam por essas reformas, la tanto desejadas.

E' um plano grosseiro e por demais conhecido, esse em que tentam colher-nos.

O que se quer realmente é fundamentar nas sympathias do povo, facilmente contentavel, a nova época da dominação monarchica.

O Congresso Republicano Nacional que pese bem todas as nefastas condições da nossa vida politica e que actue com quanta força lhe der o seu patriotismo sobre a alma d'esta patria infeliz.

SEPARAÇÃO E FEDERALISMO

A «Revista Federal», publicação do Club Republicano Rio-Grandense, adorna-la com as armas da Republica de 1835, inserio nas columnas de honra de seu ultimo numero um artigo intitulado «contra o separatismo», em que não se attendeu ao conselho da Imitação de Christo: — Não te irrites por não poderes fazer de teu vizinho o que desejas, pois de ti mesmo não podes fazer o que queres.

O Club e a Revista, que entoam perenne louvor à revolução mais separatista de quantas tem havido no Brasil, são injustos para com os republicanos que seguem o seu exemplo, e devotamente assistem à festa annual que se celebra na noite de 20 de Setembro.

Para condenar os separatistas, cumpria que o Club reservasse as suas galas para um dia de festa nacional, e a revista adoptasse a bandeira das vinte estrelas, ainda que supriisse a coroa...

Os emblemas da gloriosa Republica de Piratininga não são exhibidos pelos nossos amigos, ao que nos parece, como trophée conquistado, mas alçados como insignia de combate.

A herança dos forrapos não foi, que nos conste, aceita a beneficio de inventario, mas com a perfeita comprehensão da solidariedade politica.

Os illustres rio-grandenses, pedimos venia para o dizer, revelaram evidentissima contradicção entre o seu culto externo e a censura que com tanta falta de caridade inflingem aos separatistas.

E se lhes parece de pouco momento que em deshonra se achem o signal e a idéa, o pensamento e a ação, advirtam os nossos coreligionarios que todo o passado republicano no Brasil pode-se consubstanciar nas duas palavras que são o nosso lema: Separação e federalismo.

Separação é o caminho para a federação. Quem quer a união de estados deve começar por fazer estados.

Ora, não sendo de esperar que d'essa tarefa se encarreguem o imperio ou a divina providencia, cumpre que cada província (e não só a de S. Paulo) trate de libertar-se.

Assim pensaram os Inconfidentes, cujo projecto era proclamar a republica em Minas Geraes, e, se possível, em S. Paulo e no Rio de Janeiro.

Pernambuco pretendem em 1817 libertar-se conjuntamente com algumas das províncias vizinhas.

Plano mais vasto foi o da Confederação do Equador, mas estava longe de compreender todas as províncias, ou a sua maioria.

A república rio-grandense não procurou nem teve adesão nas outras províncias, posto que declarasse que se ligaria pelos laços da federação aquelas das províncias do Brasil que adoptassem a mesma forma de governo.

Em todos os grandes movimentos políticos a separação era ponto assentado, primeiro marco a firmar; a federação vinha depois, como aspiração, mal definida a princípio, e só chegando à fórmula do manifesto de 1870 após numerosos ensaios e tentativas.

Em nosso conceito não é preciso repudiar o passado para satisfazer os novos ideias democráticas. A evolução é harmoniosa, todos os sacrifícios e aspirações generosas são fecundas.

Os homens da conjuração mineira só por extraordinária intuição entreviram o princípio federalista, de que tinham vaga noção pela constituição dos Estados Unidos, de que obtiveram um exemplar, e mandaram traduzir.

Em 1817 e 1825 já era mais lucida a noção do federalismo, graças à propaganda iniciada por alguns homens superiores nas províncias do norte desde o começo do século, e pela constituição da Columbia.

Em 1835 o ilustre italiano Zambicari pregou o federalismo aos rio-grandenses do sul, e conseguiu deixar na revolução os vestígios de sua doutrina.

O instinto popular, porém, sempre comprehendeu que a federação não ha de aparecer subitamente, peça fundida de um só jacto nos moldes do imperialismo.

Das vinte escravas libertaram-se as que tiveram forças para o fazer, e as outras não ficaram no captiveiro.

Quando todas, ou o maior numero, ou as que quizerem, se acharem livres, os interesses comuns, os sentimentos de família, as tradições, o exemplo da America do Norte, hão de fazer a federação.

Levantem-se as populações que ainda tem vida, e a monarquia percerá de inanição.

Os que a todo o transe querem uma pátria grande como a Russia, e unida como a China, clamam que é preciso esperar a restauração das províncias atrasadas, reduzidas a ruínas deploráveis.

Podemos assegurar que o imperador é da mesma opinião.

Sua magestade se confessa republicano, mas é de parecer que a monarquia ainda é necessária por cem anos para preparar o povo.

Moysés foi menos exigente. Contentou-se com quarenta anos de preparação no deserto para entrar na terra prometida.

E quando a monarquia chegasse a formar um povo livre, forte, instruído e feliz, teria realizado tão grandioso monumento, que fôr integrado a mudança de forma de governo.

Que viria fazer a república? Para que a federação?

Ter-se-hia realizado o sonho de Benjamin Constant. Estaria descoberta a pedra filosófica em política.

Infelizmente a preparação já tem séculos, a contar do domínio português, e o resultado é este:

Mais de dez milhões de analfabetos.

A monarquia não pode prescindir da centralização, e a centralização é a ruina e o aviltamento.

REFORMA MUNICIPAL

III

A constituição reconheceu a todo o cidadão o direito de intervir nos negócios da sua província, e estabeleceu que o governo económico e municipal das cidades e vilas competiria às camaras.

Não passou, porém, de promessa regia a these constitucional.

A lei de 1828 desfechou o primeiro golpe nas cidades municipais, despossando-as de importantes e antiquissimos privilégios, atribuições e regalias.

Assim o pedia a nova ordem de coisas, que se chamou harmonia e independência dos poderes, sob a suprema vigilância do chefe do estado, inviolável, sagrado e responsável, novo S. Pedro armado da chave do reino político.

Em 1831, o liberalismo brasileiro despendeu o ultimo alento com o acto addicional, e cometeu o erro de esquecer ou sacrificar as municipalidades quando tentava conquistar franquias provinciais, que bem depressa foram anuladas pelo partido da ordem.

Desde então os bando monárquicos tem sujeito sem constrangimento o município.

Com a hipocrisia característica do governo das fícões, a oposição de Sua Magestade clama sempre pela reforma da administração local, e o gracioso soberano insere de tempos a tempos uma recomendação a esse respeito na fôlha do trono. As camaras, na poeirenta paródia a que comumente chamam voto de graças, respondem à coroa que a lembrança é boa...

Entretanto o governo vai expoliando o município, e rebaixando a sua representação.

Na capital do império, que está prestes a perder o nome de Rio de Janeiro pelo d. Corte, o governo expede portarias reintegrando empregados municipais demitidos pela camara, dá ordens sobre as denominações das ruas, ordena o pagamento de contas, e pouco falta para que assuma o posto de spóntador das obras da camara.

O ministerio do império não fez da municipalidade só um prolongamento da sua secretaria, como se costuma dizer, mas um gabinete privado, uma praia de despejo.

O da fazenda tirou-lhe a renda de milhares de contos.

O das obras publicas usurpou-lhe as mais importantes atribuições.

Depois de ouvir uma serie de lamentos que durou mais de vinte anos, o governo simulou humanizar-se e apresentou o projecto de 1860 feito à imagem e semelhança de seu autor, perfeito tipo de chefe político em uma monarquia temperada.

Em 1881, o sr. Ferreira Viana ofereceu outro projecto, em que sob as vestes talares se reconhece o antigo democrata.

Quaesquer que sejam as divergencias de opinião, ninguém deixaria de reconhecer a grande elevação de vistos e a competência que nesse trabalho revela o sr. Ferreira Viana.

NOTAS

A Democracia.—GIZ. Dias 32

É este o único endereço que nos assegura a chegada da correspondencia. Costumam no entanto escrever «Ao Ofereiro do Porvir, GIZ. Dias 40». Pedimos que atendam à corrigenda.

Club Republicano Mineiro

Foi-nos enviado um exemplar dos estatutos do Club Republicano Mineiro fundado n'esta capital em 9 do corrente mês.

Propõe-se esta nova agremiação dos filhos da gloriosa província de Minas, a lendária patria do republicanismo brasileiro, a auxiliar a propaganda democrática n'essa província creando novos núcleos republicanos nas localidades em que elles ainda não existam, e servindo de centro das informações políticas que lhes possam dar uniformidade de vistos e de ação.

Saudamos, de todo o coração, o Club Republicano Mineiro e desejamos-lhe farta messe de louros na gloriosa empreza da regeneração de sua bella província.

Estabelecimento de ensino technique

Não devemos deixar passar em silêncio o facto imensamente auspicioso que se realizou na cidade de Maciá, província das Alagoas, em 22 de Abril proximo findo, consistindo na fundação de uma escola central, onde se eduque a mocidade gratuitamente para todos os misteres da vida social.

Diz o art. 3º do seu regulamento interno:

«Serão admitidos como alunos externos:

§ 1.º — Todos que necessitarem de instrução litteraria ou profissional, qualquer que seja a idade, sexo, est do ou nacionalidade, contanto que se obriga tem a achar-se no estabelecimento das 9 horas da manhã às 4 da tarde para o ensino profissional, e das 6 1/2 às 8 1/2 da noite para o ensino litterario, sujeitando-se inteiramente a disciplina e ao regulamento da escola. A esses, o estabelecimento ministrará o ensino litterario e profissional e dará um premio anual aos que nas aulas ou officinas se distinguem por sua applicação e conducta, bem como lhes marcará uma diaria razoável, quando passarem de aprendizes a meio officines ou a officiaes, tendo alem d'isso a preferencia de serem escolhidos na vaga de mestres para as officinas, se já então tiverem obtido o competente diploma na arte que professaram».

Note o leitor que nesse parágrafo não se faz distinção de classes, cor ou qualquer outra circunstância que limitar possa a concorrência.

Muito ao contrario d'isso, sendo o estabelecimento criado por iniciativa da Sociedade Libertadora Alagoana, o seu fim é amparar a nova geração de libertos e ingenuos que a imprevidencia e crueldade da lei atirou aos braços da miseria, do obscurantismo e de vagabundagem.

Numa locidíssima e elevada allocução, proferida na occasião de ser inaugurado o mencionado estabelecimento, desenvolveu o dr. Arthur Homem os altos fins e os largos horizontes que correspondem a tão feliz tentativa, hoje uma realidade.

Se houvesse entre nós o minimo resquício de iniciativa e ação, tempo era de lembrar-nos da condição de uma raça a qual só existe para a ignorância e o sofrimento.

Emeanento esbanjamos dinheiro e tempo em preocupações futeis, estorce-se todo uma geração na mais infanda e esqualida desgraça!

Suppomos talvez ter provido a tudo assistindo a barabochata que se perpetrhou no Desengano, onde meia duzia de medalhões ganharam com que impar de vaidade e orgulho fôfo?

Há tempo a maçonaria andou com laivos de querer fazer alguma causa. Creemos que ficou tudo sepultado em toques de baterias e comissões cujo principal desempenho é fomentar a mania do papelório.

O mote na actualidade devia ser «avante»; mas nos fluminenses, substituim-o insinuando a palavra satânica «especulação» e com esta sistema desmoronamos, esmagamos no nascedouro os mais sérios e nobres impulsos.

Ah! se pudessemos tragar-nos a nós mesmos, com que serviço não brindavamos ao Brasil prestante!

Consignamos aqui os nossos emboras à Sociedade Libertadora Alagoana.

Abel Erano

Sob este pseudonymo oculta-se o autor do escripto que tem por epígrafe: «Synopsis das características do império, do qual publicamos n'este numero as primeiras linhas. A produções de tanto valor franqueamos sempre as nossas columnas, muito ufanos de concorrermos para tornar do domínio publico as profundas e valiosas e ogitações de um cérebro vigoroso alentado pelos sentimentos de um Patriotismo vivaz e sincero».

A situação

O imperial teatro político continua de paño algado.

E ali prosegue a exhibição, diante de um publico indiferente e bocejante, das scenas da eterna farça constitucional monárquica.

Têm sido porém, as representações destes ultimos de uma sensaboria mortal, só comparável à declamação fastidiosa dos Simplicios da camara baixa.

O que ultimamente mais atraiu a atenção publica, são as colicas intestinais de que pela segunda vez são atacados os ministeriales empresários.

A vez primeira que manifestaram-se foi com violencia.

Obrigaram-os a andar de cocoras, a apertar o ventre.

Classificaram-as os homens da ciencia, questão militar.

A segunda, menos intensa e duradoura, são denominadas, escravos foragidos em Santos.

Pela boca do associado da agricultura declararam os empresários terem conseguido melhores usos de calma simples: remessa de tropas aplicadas por via dupla, por mar e por terra.

Para provar quanto encheram longe os comediantes políticos do império; quanto é lucido o seu espírito e que em si não são elles nenhum ignorante crasso, nem nenhuma toupeira como directores de empreza, basta recordar isto:

Que o sr. Saraiva, o celebre Nestor do liberalismo, concebeu e deu à luz pelos moldes conservadores, partejado pelo sr. de Cotegipe, o feto que depois receberam com as aguas tustræs do escravismo, o nome de lei de 28 de Setembro de 1885, com o fim exclusivo de traçar a lavoura e esmagar o abolicionismo.

S. ex. assegura da rampa da cadeia velha que isto seria o resultado de sua obra.

Pois bem. Pouco mais de um anno ha passado, e já da mesma rampa, declara oficialmente o sr. Rodrigo Silva, intendente da agricultura que, nem a lavoura está tranquilla nem o abolicionismo esmagado: que tanto cresceu a inquietação de uma, como aumentou a intensidade e propagação do outro.

O sr. Saraiva, os seus parceiros e coríphens, em face dos acontecimentos, devem estar convictos de seu grande talento e de sua exacta e esplêndida precisão.

Políticos impagáveis, inveja do mundo inteiro! Só estatuas de sebo e luminarias de azete de peixe os poderão perpetuar na memoria dos posteriores.

Eis o que disse na camara dos eunuchos o sr. da agricultura.

Mas como se trata de representação de farça e não do governo serio de um paiz americano, as manifestações ministeriales fazem-se sempre com duas caras e duas línguas. Com uma, mostra e falla o embuste, a pedra angular da monarquia; com a outra, apresenta e diz a verdade, como o castigo do embusteiro.

Disse o

O EMBUSTE

«Que a lei de 28 de Setembro de 1885 foi recebida como a solução que mais consultava os altos interesses económicos do paiz.

E depois de expor as tendências e esforços dos fazendeiros paulistas para entrarem no trabalho livre, conclui com

A VERDADE

«Nem assim a propaganda abolicionista se deu por satisfeita».

Que quer o sr. Rodrigo Silva? Os abolicionistas não têm a fortuna de serem tão colossalmente beocios como os ex^a. seus colegas negreiros.

E' uma desgraça.

S. ex. acreditam que uma idea política ou social, fortemente agitada e propagada, é um carro de bois que se faz parar travessando-se à agulha em frente dos guias;

Que é um fleimão que se resolve com cataplasmas;

Ou uma demanda não fôr da aldeia que se decide pela rabulice;

Ou alguma patota da advocacia administrativa a que o sophisma e a fraude dão ganho de causa.

Tão profunda concepção de governo, como essa de que dão testemunho os políticos negreiros em suas propostas de leis e em seus discursos, só elles a podem ter.

Em poucos dias os factos e a prática demonstram o erro grosseiro do que afirmam e sustentam.

Nem por isso aprendem.

A propaganda abolicionista tem feito, e continua, cada vez mais activamente, a abrir brecha em toda a parte. Ela não pode cessar de mover-se e combater, senão no dia em que tiver partido o ultimo elo dos grilhões do caçaveiro individual e moral d'esta terra.

Ela não pode dar-se por satisfeita, com essas leis idiotas, forjadas por espíritos lacanudos e caducos; leis que só tem o mérito de produzir a anarchia, a confusão e animar a pirataria.

A filiação desconhecida dos escravos, resolvida pela Relação da Corte, é uma espinha atravessada na garganta dos negreiros.

Estão como uns possessos.

Mas a verdade está com o accordam do tribunal. Se a filiação desconhecida tivesse de valer contra a liberdade, santo Deus! quantos doutores, conselheiros, ministros, deputados e senadores, creos, fidalgos, militares, etc., não poderiam ser chamados à matrícula como escravos! Quantos não seriam coagidos a entregar os pulsos a escravidão!

O governo Cotelipe rejeita.

O imperador foi vencido.

Sua Majestade não teve remedio senão resignar-se a ir vijar.

A regencia está propinqua. Vai entrar em exercicio.

Que nos dará ella?

Transpol-a-ha o ministerio dos barões assinalados?

Dizem ser esta a maior ambição do sr. presidente do conselho — governar com a príncipeza.

Nada pomos em dúvida, nem ha razão para isso.

X

O Tempo

Redigido por escritores projectos, fez sua estreia O *Tempo*, publicação hebdomadaria, constante de oito páginas, de uma leitura variada e altamente instructiva.

No seu artigo programa, responde assim a sua apresentação:

«Não queremos abrir lutas em que seríamos certamente esmagados.

Pedimos apenas que nos deixem viver e dizer francamente, desassombradamente, umas tantas cousas que julgamos devorem ser ditas.

A occasião nos parece opportuna. Queremos aproveitá-la. Não nos queiram mal e deixemos ir adiante».

Cuidado diante de tamanha modestia! Para quem conhece a tempore e o pulso do gladiador, o melhor é mesmo abrir alas e collocar-se em altitude respeitosa.

Saudamos cordialmente ao novo athleta.

X

Que admira?

Não admira que o saudoso escravista sr. Andrade Figueira só reclame e proteste quando se favorece a liberdade dos escravizados e calle-se quando se conculta o seu direito estatuído em lei, se as victimas e supplicias barbaramente e se escravizam os livres. O que espanta é que liberaes e liberaes paulistas façam também grande escarceu no mesmo tom do sr. Andrade Figueira.

Ah!.. os liberaes!...

Descentralização governativa

É uma fatalidade que os nossos políticos, sejam liberaes ou conservadores, quando nutrem o bom desejo de emancipar a patria do imperialismo e dar-lhe autonomia, não tenham tido primeiro o bom senso e a firme vontade de emancipar-se a si d'essa escravidão moral. Só assim poderiam emprehender, senão uma obra perfeita, pelo menos tão completa quanto possível na actual expansão dos conhecimentos humanos. O procedimento contrario dá lugar a praticar-se sempre actos contradictórios e a imprimir o bom e o péssimo na mesma obra.

O projecto do sr. senador Uchôa Cavalcanti sobre a descentralização dos governos provinciais, se por um lado afirma que s. exa. libertou-se de muitos principios obsoletos da escola conservadora, por outro testifica que seu espírito está ainda hesitante e arrasto em parte às frustas condemnaças. Se os presidentes tem de ser e devem ser eleitos pelo povo, o que expõe a sujeitar a sua escolha ao voto do imperador quanto o Sr Ferreira Viana quer libertar d'este voto a eleição de mandador!

Se a escolha de presidente não tem de ser feita pelo sufragio popular, muito pouco adianta n'este assumpto a idéa do projecto do sr. Uchôa Cavalcanti. É reparável que ao pôsso que s. exa. restringe por este modo o voto popular não trazendo inteira soberania, queira no e tanto ampliar-nas suas funções até aos analphabetos que vão ser verdadeiros joguetes do, cabos de eleições, instrumentos de todas as fraudes.

Entenemoi que no estado deploravel de anêmia e miseria a que chegaram em geral as províncias, não deve haver meias medidas; ou façam a descentralização completa ou não façam nada.

O Grito do Povo

Início i-se no dia 18 do corrente a publicação periodica do panfleto político «O Grito do Povo», destinado à propagação e defesa das ideias republicanas.

O primeiro numero tem por título: *A Monarchia e a Republica* (caracteres gerais dos dois sistemas de governo) e está lançado com grande elevação de vistas e primorosa elegância de linguagem.

R vista-se n'ele o pulso valete de um ladrão abroquelado na verdadeira orientação científica.

Saudamos effusivamente o novo campeão do futuro.

Protesto e retirada

Segundo notícia o periodico *O Liberal*, que se publica no Maranhão, com data 10 de Maio proximo passado, os deputados liberaes à assembleia provincial em numero de nove, dirigiram um manifesto à província declarando que se abstinha de concorrer com sua presença à consumação de manifesta transgressão da constituição do imperio. A grey conservadora intenta votar impostos de importação de mercadorias quer estrangeiras, quer nacionaes.

Os termos do manifesto são vehementes e expressivos e os commentarios com que aquella digna redacção os acompanha, ainda mais claros e vibrantes.

Mais um esforço e será dos nossos.

Código civil Brasileiro

Uma das obras de Santa Engracia cárdo paiz. Este código civil é um mytho. Tem andado por Secca, Meca e Olivaes de Santarém; de Herodes para Pilato e de comissões para comissões. Tem gasto muitos annos, bastante dinheiro e nunca ninguém o viu, nem o vê, nem tão cedo o verá.

Parece que não teremos código civil senão para as kalendas gregas.

Terra de tantos doutores, de tantos juriconsultos, de tantos sabios e tem gasto mais tempo a fabricar uma utopia — o código civil — do que Salomão a construir o templo de Jerusalem.

Grandes madraços.

O novo projecto de emissão

E o caso do *mons parturians*...

Depois de longos encarecimentos sobre a necessidade de acudir-se à praça em perigo de naufragar, em seguida a uma gestação de annos, que mais se parecia a um phänomeno indecifrável da nosologia social; eis que no meio da confusão do rebite assoma com ares triunfantes a nova arca de aliança trazendo de baixo de seus fechos a lei fundamental da nossa salvação e prosperidade.

A decadência outorga de favores e benefícios em perspectiva consiste afinal n'uma troca de papéis que não da sahir dos cofres de empresários particulares em vez de emanarem dos suprintendentes mór.

Por isso cream-se onus, impõem-se tributos, distribuem-se gratificações e consagra-se a obrigatoriedade que seja o governo, sempre o governo, considerado beneficiário sobre 90% dos valores comerciais!

Analisaremos devagar essa estupenda peça de ciência económica dos nossos prohombres e colheremos proveitosas lições da *notável proficiencia* que encerra.

X

A Propaganda Democrática

Zozimo Consigliari Pedroso, o illustre publicista a quem o partido republicano de Portugal deve tantos e tão assignalados serviços pela valentia com que combate as velhas instituições de sua patria e pela lucidez com que evangeliza as novas doutrinas que triunfantes hão de inaugurar no mundo civilizado a grande era de paz, de justiça e de fraternidade, esse valente soldado da república, iniciou, em Outubro ultimo, sob o titulo de «Propaganda Democrática», a publicação de uma serie de folhetos, que distribuídos até agora com a maxima regularidade, vão constituindo uma preciosa encyclopédia republicana.

Escriptos num estylo despretencioso e elegante, ao alcance dos espíritos menos preparados, estão estes folhetos debatendo, com grande justeza de vistos e segura orientação democrática, variados problemas sociaes a que se vinculam a grandeza e o futuro das sociedades cultas.

Eis os titulos dos folhetos que até esta data tem chegado ao Rio de Janeiro:

- I O que o povo deve saber.
- II O que é a república.
- III A revolução espanhola de 1868.
- IV José Esterão e a reacção religiosa.
- V O imposto democrático.
- VI A constituição dos Estados-Unidos.
- VII Parnell e a Irlanda.
- VIII Guia do eleitor.
- IX O direito de dissolução.
- X O que deve ser uma eleição.
- XI Palavras aos leitores.
- XII A secularização do cunho.
- XIII O juramento político.
- XIV A república espanhola de 1873.

Pela simples enunciação destes temas se vê a importância das questões ventiladas n'esta pequena bibliotheca republicana, onde a verdadeira doutrina democrática é exposta com inexcedivel clareza de linguagem e grande vigor de logica.

Como infelizmente, as instituições portuguesas, são ignoras ás nossas em todos os seus vicios e anachronismos, esta publicação parece-nos quasi que destinada a sua leitura devê ser efficaz a todos os espíritos que se quizerem orientar nos problemas que envolvem a nossa felicidade commun.

E' por isso que recomendamos a todos a *Propaganda Democrática* e a seu illustre fundador enviamos saudação fraternal.

SYNOPSIS

DAS CARACTERÍSTICAS DO IMPÉRIO

O Brasil, pela extensão do seu territorio, e pelos seus recursos naturaes, é o gigante da Sul-America; mas, pelo seu sistema administrativo, é um pygmee rachítico, todo enrevado, sobre muletas; visto que a monarquia, e os archeiros de tal instituição, não consentem ao paiz, nem lhe deixam o andar com as pernas.

Convém que se retirem ao gigante essas muletas, e se lhe deem antes as pernas desembargadas da osteomalacia, e da grave, chronica, forçada paratysia colonial que lh'as encurvam e contorcem, por acintoso costumé, até nos seus movimentos mais espontaneos na apparencia.

Um antigo escriptor experiente, que havia estudado a França no tempo da mo archia, pouco antes que ali os republicanos affirmassem em leis executadas os direitos dos cidadãos, definiu a assim: «paiz onde é muitas vezes util a qualquer mostrar seus vicios e sempre perigoso mostrar suas virtudes.»

O Imperio do Brasil reclama para si um conceito identico em todos os corollarios respectivos ao facto.

Por quanto, o que é e tem sido o Brasil monarchico?

— Responderá o quadro que segue:

O mal-estar invade todas as camadas da sociedade brasileira...

O proletarismo, e — ainda peior — o horror de possuir família, acampam nos abyssos imperiales, que se inculcam a sede da nossa verdadeira existencia social...

A indifferença, a repulsão ao bem quando isento de interesse ignobil, a indigencia esteril, a juventude suspensa entre a mendicidade e a prostituição, os animos embotados, indecisos, taciturnos ou garrulos, sem nada compreenderem, sem quererem compreender nada, acoitando de misterios insondáveis as coisas mais ordinarias da natureza, em desconfiança e victimas uns dos outros; — tudo isso faz que se affligem os homens, e que sejamos aqui como accervos de pó solto e amorpho, à mercê do vendaval que os dispersa e varre...

As riquezas envenenadas no crime, jactanciosas, insolentes, ávidas, e, ao mesmo tempo, sem prestimo, se alastram incapazes, improductivas ou só productivas de mesquinhez...

Alastram-se as capangagens ignaras, os servis de todo genero, apôs a autoridade de artificios inconfessaveis por infames, bravejando desdenhosa, esquiva e remissa aos actos que estabelecem o direito de ser amada, respetada e obedecida...

CARTAS DE S. JOÃO D'EL REI

Ilm. Sr. Redactor

Convidado pela illustrada redacção da *Democracy* por intermedio do seu digno representante que aqui esteve de visita entre nós, para dirigir algumas correspondencias que sirvam de orientação aos seu leitores acerca do nosso estado e das nossas causas, sinto-me agradado por não possuir os dotes que me habilitem a desenvolver cabalmente essa incumbencia.

Acresceinda a circunstancia de não achar-me ligado ao partido republicano, mas sim ao liberal; pelo que os meus escriptos não versarão s bre doutrina ou catechesis, mas unicamente sobre noticias locaes, de um interesse relativo para os que acompanham o movimento.

Continuam com actividade os trabalhos do prolongamento da estrada de ferro Oeste de Minas, em direcção a cidade d'Oliveira e Ribeirão Vermelho.

Atavessa uma região fertilissima e produtora, prestando importante serviço ao comércio, industria d'esta zona.

Já foram inauguradas as duas primeiras estações além d'esta cidade — a de Santa Rita do Rio Abaixo e Rio das Mortes.

A inauguração da estação do Rio das Mortes correu fria e sem entusiasmo por parte da população da freguezia da Conceição da Barra, que fica a dous kilometros da supra-dita estação.

O motivo d'esta frieza, segundo nos informam, foi a directoria da estrada não ter accedido aos desejos d'quelle povo, que pediu para denominarem aquella estação de Conceição da Barra ou Tanque.

Não podemos encontrar o motivo, que determinou estafalta de atenção da companhia para com aquele povo.

Era uma questão muito simples e assim facil à Directoria satisfazer o pedido que lhe fôr feito.

A camara municipal d'esta cidade está tratando de formular um projecto de novas posseunias, para ser apresentado na proxima reunião da Assembleia provincial.

Consta-nos que foi oferecido por um individuo estranho à mesma corporação um projecto, que contém em si muitos impostos pesadíssimos e vexatorios, e esse projecto terá de ser rejeitado.

Se a municipalidade está disposta a ser verdadeira propagadora dos interesses de seus committentes, não pode e nem deve concorrer para que pese sobre elles o vexame de novos impostos.

Aguardemos os factos.

SEÇÃO LITTERARIA

A FORÇA DO DESTINO

V

REFLEXÕES À HORA DE DORMIR

Quarta, quinta e sexta semana se passaram — Juliana não apprencia; no fim da setima, a mulher do tenente disse-lhe, quando já estavam recolhidos.

— Sabes? Juliana não volta mais.

— Pois que não volte, melhor: ella é livre, esteja onde bem lhe parecer.

— Olha; e ella não vem mais porque, disseram-me, acaba de dar à luz uma criança. Acrecentam ser pai do recem-nascido o Manoel Martins que está agora vivendo com a mãe do nené.

Lins arregalou os olhos e abriu a boca estupefacto, aturdido.

— Que! Qual! E' historia! Quem disse isso?

— E' verdade, podes crê-lo.

— Que Manoel Martins é esse? o do armazém?

— Sim, sim, este mesmo.

— Então, a contar pelo tempo desde que d'aqui sahio Juliana, já devia estar...

— Certamente que sim. E nós sem desconfirmos, e tu a fallar-lhe na gordura, quando era cousa muito diversa.

— Mas isto será verdade? Quem te contou?

— O facto d'essa sra. não ter mais voltado bem o confirma.

— A prima Clara esteve em Bebedouro vio-a, soube de tudo e informou-se.

— Mas como pôde ser isso se é agora a primeira vez que Juliana sahio de casa sem a nossa companhia? Ha apenas dois meses.

— Que se ha de concluir d'ahi?

— Que alguém entrava-nos em casa quando dormímos, ou que ella sahia.

— Não vejo outra explicação.

— Mas se é o Manoel Martins, este rapaz ficou doido.

— E ella mais doida ainda.

— Isso é indigno, é horrívoro!

— E', sim!

— Se é verdade, é de muita audacia!

E o tenente poz-se a reflectir, a coordenar idéas, reminiscências, factos; vio esclarecer-se-lhe o espírito e apprever-lhe o fio de certos incidentes, de coincidencias exquisitas a que não dava nenhuma atenção; mas que agora caracterisavam-se desenvolviam-se e ligavam-se. Notavelmente, aquelle caso que o obrigara a atirar sobre um individuo que vio a deshoras em seu quintal pareceu-lhe decisivo.

N'estas cogitações começou de adormecer, dizendo:

— Seria um bello agradecimento esse de Juliana!

VI

COMO SE ESCALOU O CÉU

Das investigações a que procedeu, principalmente em sua propria casa, chegou o tenente Lins a esta conclusão:

Juliana, enamorada de Manoel Martins, um rapaz, de 24 annos, caixearo do estabelecimento de viveres na loja do predio em que o tenente residia, ha muito tempo dava-lhe periodicamente ingresso clandestino em sua camara, assim conspurcando o asyl honesto que lhe fora franqueado em sua desgraça. Para isso, tanto ella como o caixearo corromperam com dadivas e promessas uma criada da casa, conseguindo d'ella a chave do

portão que se deu como perdida, obrigando o tenente a mandar fazer outra. Uma vez no quintal, o caixearo penetrava pela cosinha que a criada deixava aberta e d'ahi passava ao aposento de Juliana que o esperava. E' o que acontecia quasi todas as noites. Quando a viuva por um lado via-se estorvada na continuação d'esta prática e por outro quasi em vespere de ser denunciada pelo seu proprio estado physico, foi obrigada a retirar-se, como se vio sob o protetox de passar alguns dias em casa de uma amiga.

Nesse mesmo tempo corria a fallencia e seguia-se o fechamento do armazém de viveres, ficando sem emprego Manoel Martins. Informado este de que o tenente o procurava, certamente para dar-lhe os agradecimentos que de boa vontade não desejava receber e sentido no peso do descredito que lhe acarretou a sua conducta rapidamente divulgada em uma pequena cidade, retirou-se com a sua amante para Alagoas, a velha e decadente cidade, à margem da Manguabá e antiga capital da província.

O pismo e a indignação do tenente ao encarar os actos de Juliana foram os mais pronunciados.

— Custa a acreditar-se! exclamava elle. Como isso é repugnante! Quem o havia de dizer? Quem julgaria, sob aquella candura uma refinada hypocrita e perversa essa rapariga tão moça e formosa? Terrivel contraste! Que pena! Ve-se cara e não se vê coração! Ludibriar-me assim, enxovalhar-me a casa! Com efeito!... Esqueci muito depressa os seus deveres! Parece que só o Oitiseiro a detinha em suas inclinações! Ou não teria ella a consciencia da indignidade que praticava? Era para isso que dizia não querer casar-se?

Era para isso que regeitou o partido que lhe ofereceu o João de Melo? Mas ninguém a impedia de casar-se com o tal caixearo, se era isso de seu gosto.

Porque recorrer a meios reprovados? Só o que me pesa, concluia elle sempre as suas reflexões, é não ter acertado o tiro n'aquelle miserável!

A grande verdade é que Manoel Martins, na sua apparente simplicidade, foi um Titan escaldando aquele ceu da praça dos Martyrios e tomado assento na corte privada junto à divindade!

E assim. Muitas vezes o que nos parece inexpugnable, inacessível se esborróa, como uma muralha de barro ao occasional impulso do mais beocio assaltante.

(Continua)

Cemiterio ignoto

Elle está n'un logar opposto ao meu,
Um cadaver em sete sepulturas!

Via-sacra de fristes amarguras
N'este dia fatal percorri eu.

Maioridade, à priu eira o nome deu;
Duas revoltas, sem plano, mal seguras;
A Liga e a Reforma, ambas impuras;
O Martinho e Sarauira as sucedeu?

Sete espadas de dôres traspassando
O peito democrata, por seu mal,
Da liberdade o germen vão matando!

No cemiterio ignoto, ó lei fatal
Soleto lacrymoso e recuando:
Aqui jaz o partido liberal!

NIOTTO (LYEO).

ANNUNCIOS

ATELIER CANIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

| | |
|--|-------|
| Falha, opera builes a..... | 18000 |
| A príncipe dos cajubras..... | 18000 |
| Abel, Helena..... | 18000 |
| A filha de Maria Angú..... | 18000 |
| A casadoura de Fesco..... | 18000 |
| Jerusalém libertada..... | 18000 |
| Por um triz coronel, proverbio em 3 actos..... | \$500 |
| Amor por annexus..... | 500 |
| Uma vespa de Reis | 500 |

Eduardo Garrido

| | |
|--|-------|
| Bocaccio..... | 18000 |
| Viagem à lma..... | 18000 |
| O jovem Tel maço | 18000 |
| A Mascotte..... | 18000 |
| Os sinos de Corneville..... | 18000 |
| Sonhos d'ouro, pçfantastic em 3 actos..... | 18000 |
| Os Trinta Botões..... | 500 |
| Por um triz | 500 |
| Quasi que se pegam | 550 |
| Ua alho..... | 8200 |
| O meu amigo banana..... | 8200 |
| A bengala..... | 8200 |

Comedias, com e sem damas

| | |
|---|-----|
| Antes do Baile, comedia em 1 acto..... | 500 |
| Judas em Sabbath d'Aldeia, celebre comedie de costumes nacionaes por Penna..... | 500 |
| Os do-s ou o inglez machinista, pelo mesmo..... | 500 |
| A Morte de Galo..... | 500 |
| Quasi ministro..... | 500 |
| A joa das joias | 500 |
| Um diabrete de 16 annos..... | 500 |
| Um idiota..... | 500 |
| Uma prima e tres bordões..... | 500 |
| Um quarto com duas camas..... | 500 |
| Os maço e o bispo..... | 500 |
| Club Godipan | 500 |
| Dous atraç de um | 500 |
| Beata de manti h..... | 500 |
| Bolsa e Cachumbo | 500 |
| Um marião victimas das modas..... | 500 |
| Uma criada iupagavel..... | 500 |
| Guemes - um veho..... | 500 |
| Resonar sem doroir..... | 500 |
| Por um triz..... | 500 |
| A ordem é resonar | 500 |
| O diaho a quato n'uma hospedaria | 500 |
| Uma experiência..... | 500 |
| Os dous can didatos..... | 500 |
| A catada do Mai | 500 |
| FFFF e RRR | 500 |
| Baptizado e casamento | 500 |
| Archidego das moças | 500 |
| Tribulações d'um tudante | 500 |
| Quasi que se pegam | 500 |
| As saias das calças e as calças das saias | 500 |
| 223 por 225 | 500 |
| A monomotia | 500 |
| Um quadro de casados | 500 |
| Uma scena no setião de Minas..... | 500 |
| O diaho atraç da porta..... | 500 |
| Scenas na Foz | 500 |
| Dous criados felizes | 500 |
| Enviado de Roma | 500 |
| Embrulliada fomiar..... | 500 |
| Fabia | 500 |
| A morte de Catrabão | 500 |
| Falta de miudos | 500 |
| Gravata branca | 500 |
| Mania franco-prussiana | 500 |
| Mae o Chum | 500 |
| Nova Castia | 500 |
| Nas horas das consultas | 500 |
| A saia balão | 500 |
| Veterano da independencia | 500 |
| Art., patria e caridade | 500 |
| Os deuses de casaca | 500 |
| Os dois amores | 500 |
| Dois flagidos | 500 |
| O primo da California | 500 |
| A morgadinho na rua das Flores | 500 |
| Diablos, fantasmas e credores | 500 |
| O Barão de Pombiro | 500 |

GOMES LEAL

| | |
|--------------------------------------|-------|
| Atração , 1 vol..... | 8400 |
| Charidades do Sul, 1 grande vol..... | 28000 |
| A fome de Camões..... | 18000 |

PEREIRA SILVA

| | |
|---|-------|
| Riachuelo, o poema e ieo em 5 cantos, seguido de desenho, notícias biograficas d'ss hero-sóis mesmo. Este notável poema torna sa intes os inexploráveis feitos da Marinha Brasileira na celebre batalha marítima do Riachuelo, 1 grande vol. in-8º..... | 18000 |
| MACIADO DA CUNHA | |

| | |
| --- | --- |
| Dentadas, satyras e epigrammas, 1 vol.... | 8500 |

<tbl_r cells="2" ix="2" maxcspan="1" maxrspan="